

# Poesias Coligidas

Castro Alves

A EUGÊNIA CÂMARA

Ainda uma vez tu brilhas sobre o palco,  
Ainda uma vez eu venho te saudar...  
Também o povo vem rolando aplausos  
Às tuas plantas mil troféus lançar...

Após a noite, que passou sombria,  
A estrela-d'alva pelo céu rasgou...  
Errante estrela, se lutaste um dia,  
Vê como o povo o teu sofrer pagou...

Lutar!... que importa, se afinal venceste?  
Chorar!... que importa, se lutaste um dia,  
A tempestade se não rompe a estátua  
Vê como o povo o teu sofrer pagou...

Lutar!... que importa, se afinal venceste?  
Chorar!... que importa, se afinal sorris?  
A tempestade se não rompe a estátua  
Lava-lhe os pés e a triunfal cerviz.

Ouves o aplauso deste povo imenso  
Lava, que irrompe do pop'lar vulcão?  
É o bronze rubro, que ao fundir dos bustos  
Referve ardente do porvir na mão.

O povo... o povo... é um juiz severo,  
Maldiz as trevas, abençoa a luz...

Sentiu teu gênio e rebramiu soberbo:

- P'ra ti altares, não do poste a cruz.

Que queres? Ouve! - são mil palmas férvidas,

Olha! - é o delírio, que prorrompe audaz.

Pisa! - são flores, que tu tens às plantas,

Toca na fronte - coroada estás.

Descansa pois, como o condor nos Andes,

Pairando altivo sobre a terra e mar,

Poisa nas nuvens p'ra arrogante em breve

Distante... longe... mais além de voar.

Recife, 1866

O POVO AO PODER

Quando nas praças s'eleva

Do Povo a sublime voz...

Um raio ilumina a treva

O Cristo assombra o algoz...

Que o gigante da calçada

De pé sobre a barrica

Desgrenhado, enorme, nu

Em Roma é catão ou Mário,

É Jesus sobre o Cálvario,

É Garibaldi ou Kosshut.

A praça! A praça é do povo

Como o céu é do condor

É o antro onde a liberdade

Cria águias em seu calor!  
Senhor!... pois quereis a praça?  
Desgraçada a população  
Só tem a rua seu...  
Ninguém vos rouba os castelos  
Tendes palácios tão belos...  
Deixai a terra ao Anteu.

Na tortura, na fogueira...  
Nas tocas da inquisição  
Chiava o ferro na carne  
Porém gritava a aflição.  
Pois bem...nest'hora poluta  
Nós bebemos a cicuta  
Sufocados no estertor;  
Deixai-nos soltar um grito  
Que topando no infinito  
Talvez desperte o Senhor.

A palavra! Vós roubais-la  
Aos lábios da multidão  
Dizeis, senhores, à lava  
Que não rompa do vulcão.  
Mas qu'infâmia! Ai, velha Roma,  
Ai cidade de Vendoma,  
Ai mundos de cem heróis,  
Dizei, cidades de pedra,  
Onde a liberdade medra  
Do porvir aos arrebois.

Dizei, quando a voz dos Gracos  
Tapou a destra da lei?

Onde a toga tribunícia  
Foi calcada aos pés do rei?  
Fala, soberba Inglaterra,  
Do sul ao teu pobre irmão;  
Dos teus tribunos que é feito?  
Tu guarda-os no largo peito  
Não no lodo da prisão.  
No entanto em sombras tremendas  
Descansa extinta a nação  
Fria e trefa como o morto.  
E vós, que sentis-lhes os pulso  
Apenas tremer convulso  
Nas extremas contorções...  
Não deixais que o filho louco  
Grite "oh! Mãe, descansa um pouco  
Sobre os nossos corações".

Mas embalde... Que o direito  
Não é pasto de punhal.  
Nem a patas de cavalos  
Se faz um crime legal...  
Ah! Não há muitos setembros,  
Da plebe doem os membros  
No chicote do poder,  
E o momento é malfadado  
Quando o povo ensangüentado  
Diz: já não posso sofrer.

Pois bem! Nós que caminhamos  
Do futuro para a luz,  
Nós que o Calvário escalamos

Levando nos ombros a cruz,  
Que do presente no escuro  
Só temos fé no futuro,  
Como alvorada do bem,  
Como Laocoonte esmagado  
Morreremos coroados  
Erguendo os olhos além.

Irmão da terra da América,  
Filhos do solo da cruz,  
Erguei as fronte altivas,  
Bebei torrentes de luz...  
Ai! Soberba população,  
Dos nossos velhos Catões,  
Lançai um protesto, ó povo,  
Protesto que o mundo novo  
Manda aos tronos e às nações.

Recife, 1864